

SESSÕES DO PLENÁRIO

3ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 14 de março de 2024.

PRESIDENTE: DEPUTADO ZÉ RAIMUNDO FONTES (PRIMEIRO-VICE-PRESIDENTE)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial de outorga da Comenda Dois de Julho, nos termos da Resolução nº 2.120/2023, ao Dr. Olival Freire Junior, professor físico e cientista. Proposição de minha autoria, que foi endossada por outros colegas, de modo especial, quero registrar a subscrição da deputada estadual Olívia Santana, que preside a Comissão de Educação, Cultura, Ciência e Tecnologia e Serviço Público desta Casa.

Convido para compor a Mesa, a Sr.^a Olívia Santana, deputada; o Sr. Davidson Magalhães, secretário de Trabalho, Emprego, Renda e Esporte do estado da Bahia, que neste ato representa o nosso governador Jerônimo Rodrigues.

Convido o Sr. Paulo César Miguez de Oliveira, professor e magnífico reitor da Universidade Federal da Bahia; a Sr.^a Georgina Gonçalves dos Santos, professora e magnífica reitora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; o Sr. Ezequiel Westphal, superintendente da Educação Profissional e Tecnológica, Suprot, que neste ato representa a Secretaria de Educação do estado da Bahia. (Palmas)

Convido o Sr. Marcos Fernandes, professor e vice-reitor da Uesb, que nesse ato representa o querido colega Luiz Otávio de Magalhães, reitor. Convido o Sr. Jailson Andrade, professor e pró-reitor de pós-graduação e pesquisa do Centro Universitário Senai Cimatec e vice-presidente nacional da Academia Brasileira de Ciências, que neste ato representa o Sr. Leone Andrade, reitor. (Palmas)

Convido a Dr.^a Fátima Freire, superintendente regional do Trabalho na Bahia, do Ministério do Trabalho e irmã do nosso homenageado; o Sr. Manoel Barral Netto, presidente da Academia de Ciências da Bahia e pesquisador da Fiocruz-BA; a Sr.^a Ana Angélica Leal Barbosa, querida professora da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Jequié. Por fim, convido o Sr. Ricardo Miranda, diretor do Instituto de Física da Universidade Federal da Bahia. (Palmas)

Solicito a Dr.^a Fátima Freire, irmã do homenageado; à deputada Olívia Santana e à professora Ana Angélica que conduzam o nosso homenageado até este recinto, por favor.

(O homenageado é conduzido ao Plenário.) (Palmas)

Convidamos todos para acompanharem a execução do Hino Nacional com o grupo Anarkas.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Gostaria de registrar a presença de estudantes do Colégio Santos Carneiro, do bairro Ilha Amarela, próximo ao bairro Plataforma. Os estudantes estão visitando a ALBA, dentro de um projeto de relação com a sociedade. (Palmas)

Neste instante, passo a condução dos trabalhos para a nossa deputada, Olívia Santana, enquanto utilizarei a tribuna.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Agradeço o deputado, Zé Raimundo, vice-presidente desta Casa e titular da iniciativa da entrega desta Comenda Dois de Julho ao nosso homenageado de hoje.

Deputado, eu quero apenas destacar e pedir uma salva de palmas para o grupo Anarkas, que é do Colégio Estadual Governador Lomanto Junior, do estado da Bahia, e é uma joia para todos nós. (Palmas) Quero saudar também o Colégio Santos Carneiro, os estudantes que estão aqui. Obrigada a vocês pelas suas presenças que iluminam esta Casa.

A Sr.^a PRESIDENTA (Olívia Santana): Passo a palavra ao nosso principal orador, o deputado Zé Raimundo, proponente desta sessão.

O Sr. ZÉ RAIMUNDO FONTES: Cumprimento a prezada deputada Olívia Santana; o nosso secretário Davidson Magalhães; o professor Paulo Miguez de Oliveira; a professora Georgina Gonçalves dos Santos; o professor Ezequiel, representando a nossa secretária de Educação; o professor Marcos Henrique, que representa o nosso reitor, o querido amigo Luiz Otávio de Magalhães; o professor Jailson Andrade; a Dr.^a Fátima Freire; o professor Manoel Barral Netto, presidente da Academia de Ciências da Bahia; a professora Ana Angélica Leal Barbosa, prezada, querida amiga e colega de muitos anos na Uesb; e o Sr. Ricardo Miranda.

Quero, de forma muito especial, cumprimentar, abraçar e saudar Olival Freire Junior, professor, doutor, físico e pesquisador, que me permitiu ter o privilégio e a honra de fazer essa proposição da concessão da Comenda Dois de Julho.

(Lê) “Sinto-me, portanto, honrado e privilegiado pela oportunidade de propor a outorga da Comenda Dois de Julho ao físico, professor, doutor, renomado estudioso e pesquisador na área da história das ciências, Olival Freire Junior.

A justificativa para essa iniciativa, como não poderia deixar de ser, combinam, por um lado, o reconhecimento da importância da contribuição do homenageado no campo acadêmico e científico, especialmente com a ênfase na história da Física e, por outro lado, a dimensão sociopolítica de sua trajetória individual, a qual se insere em contextos e conjunturas muito mais abrangentes da sociedade baiana e brasileira.

Particularmente nesse momento histórico em que estamos vivendo, ressaltamos a relevância de se divulgar, de forma mais alargada possível, as contribuições de pesquisadores e intelectuais para a ampliação e consolidação de uma consciência coletiva que sobreleve o valor da cultura científica como um

ingrediente indispensável ao desenvolvimento econômico, educacional e cultural do nosso país.

Nessa seara, o professor Olival tem sido uma voz, um canal dos mais eficazes, pois suas elaborações têm sido recepcionadas e aplaudidas em inúmeros ambientes e instituições científicas do Brasil e de outras partes do mundo.

Além do profissional destacado no mundo do saber científico e acadêmico, o nosso homenageado, desde a juventude, tem tido um contínuo e intenso engajamento na práxis coletiva dos movimentos sociais de organismos acadêmicos, técnicos e científicos da sociedade civil e de instituições públicas das mais diversas, inclusive, com ênfase, participando da vida política, tendo, sempre, o objetivo compreender e transformar a realidade socioeconômica e cultural do nosso país.

Disso, sou testemunha, pois o percurso biográfico do professor Olival, em grande parte, é público e compartilhado por muitas pessoas e ativistas da nossa geração e das seguintes, que sucederam aos anos 1970 e 1980.

Nesse percurso, depreende-se uma das grandes qualidades do professor Olival. Ouso dizer que é a de se dedicar ao fazer intelectual e científico quase sempre solitário com o ‘estar com os outros’ observando, vivenciando e agindo para transformar a sociedade.

Talvez seja por isso que a sua vida, desde a juventude, venha sendo uma dualidade quântica e não antagônica, portanto, dialética, buscando compreender e agir na solução dos problemas reais da vida do povo brasileiro. Exatamente por isso, eis o seu engajamento e o seu ativismo nas lutas sociais e políticas e dedicação, simultaneamente, aos estudos científicos sólidos.

E foi nesse contexto que eu o conheci ainda estudante. Ele e eu estávamos na Ufba, em pleno regime ditatorial, nos idos de 1973. Ele era bem jovem, mas já sabido e atuante e convincente liderança do Partido Comunista do Brasil e do movimento estudantil.

De lá para cá, os seus caminhos se tornaram estradas amplas e trilhos resistentes nos quais trafegam carros e trens cheios de pessoas contentes que louvam a ciência e cultivam a razão e a solidariedade. Por isso, exatamente, ele se tornou um intelectual reconhecido internacionalmente, como comprova o seu currículo.

Olival Freire Junior é natural de Jequié; filho de Olival Figueiredo Freire e de D. Maria Antonieta Freire. A sua educação formal teve início em sua cidade natal, no ginásio do padre, no qual concluiu o ensino primário e ginásial. Em seguida, mudou-se para Salvador e ingressou no Colégio Marista, concluindo, nesse estabelecimento, o curso colegial. Ingressou na Ufba, em 1972, no curso de Engenharia Elétrica. Após três semestres, transferiu-se para o curso de Física, impressionado, segundo ele próprio, pelas aulas do professor Benedito Pepe.

Enquanto estudante da Ufba, exerceu um papel decisivo na reorganização e mobilização estudantil tendo sido o primeiro presidente do DCE, reconstruído, e presidente do Diretório Acadêmico de Física.

Após concluir a licenciatura e o bacharelado em Física, Olival Freire cursou mestrado em Ensino de Física e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo, com ênfase na História da Ciência e da Física.

No mestrado, foi orientado pela Dr.^a Amélia Hamburger, abordando o tema, em sua dissertação, sobre as interpretações da física quântica, em particular, a interpretação de Vladimir Fock.

O seu doutorado teve os orientadores Michel Paty e Shozo Motoyama. Sua tese analisou a concepção de David Bohm sobre a mecânica quântica. Ele realizou estágios de pesquisa pós-doutoral nas universidades de Paris 7, Harvard, MIT e Maryland e no *American Institute of Physics*, nos Estados Unidos. Recebeu vários reconhecimentos em todos esses institutos, especialmente no MIT.

Sua carreira acadêmica, sempre, esteve ligada à Ufba, instituição da qual, atualmente, é professor titular, além de Pesquisador 1-C do CNPq, na área de História da Ciência.

Ao longo do seu percurso acadêmico-profissional, o professor Olival ocupou vários cargos e funções em instituições científicas e órgãos universitários. Foi presidente da Sociedade Brasileira de História da Ciência e presidente da Comissão para a História da Física Moderna; também, da *Commission on the History of Physics - Division of History of Science and Technology*; integrou o conselho da *History of Science Society*.

Ele foi pró-reitor de Pesquisa, Criação e Inovação da Ufba; coordenador da Capes; primeiro coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências; foi nomeado para várias funções, como eu já disse e, mais recentemente, diretor científico do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), órgão vinculado ao Ministério de Ciência e Tecnologia.

Ele foi pesquisador nas áreas da história e teoria quântica e da ciência no Brasil, e usos da História e Filosofia, no ensino de ciências. É autor de quatro livros; organizador de cinco coletâneas e autor de, aproximadamente, mais de 40 capítulos de livros e de mais 90 artigos em periódicos especializados nacionais e internacionais.

Dentre as suas publicações, cabe destacar '*Teoria quântica: estudos históricos e implicações culturais*', obra vencedora do Prêmio Jabuti, em 2010. E há, ainda, estudos sobre a vida de David Bohm, especialmente quanto ao debate sobre as interpretações da mecânica quântica. Não podemos deixar de mencionar a orientação, na sua trajetória, de 13 teses de doutoramento e 20 dissertações de mestrado.

Por isso, a concessão da Comenda Dois de Julho a este ilustre intelectual é uma justa homenagem a alguém que já alcançou o reconhecimento de muitos centros acadêmicos em todo o Brasil e no exterior. E, ao fazermos esta homenagem, isso é na certeza de expressar o desejo de muitos dos seus ex-alunos, orientandos, camaradas, companheiros, amigos e colegas.

Mais do que isso, este é um gesto de apreço, admiração e respeito a um homem que faz do saber um compromisso permanente com o desenvolvimento sociocultural do Brasil e uma arma de combate aos que negam a razão, a ciência e o progresso das sociedades humanas.

Esta homenagem é, também, um aceno simbólico a dizer, parafraseando o poeta Mário Quintana, que eles não passarão e nós, passarinhos. O nosso grande Chico Buarque já afirmou, igualmente. Ouvindo um passarinho, disse o Chico *‘que vem aí bom tempo’*!

Parabéns, professor Olival Freire!

Viva a democracia!

Viva a ciência!

Viva o povo brasileiro!” (Palmas)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Agradecemos a fala do nosso querido presidente desta sessão.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr.^a PRESIDENTA (Olivia Santana): Registro a presença da Sr.^a Ângela Guimarães, secretária da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial. (Palmas) Eu peço à nossa assessoria providenciar a presença, também, da secretária à Mesa.

Muito obrigada.

Devolvo a palavra ao nosso presidente da sessão.

(O deputado Zé Raimundo Fontes assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Neste momento, gostaria que a técnica passasse o vídeo.

Agora, passaremos dois vídeos com depoimentos sobre este ato que estamos homenageando o nosso professor Olival Freire.

(Procede-se à apresentação dos vídeos.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Registro as presenças das seguintes pessoas:

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Registro as presenças das seguintes pessoas: Sr.^a Deputada Estadual Neusa Cadore; Sr. Deputado Estadual Marcelino Galo; Sr. Celso Castro, professor, advogado e ex-diretor da Faculdade de Direito da Ufba; Sr. João Carlos Sales, professor e ex-reitor da Ufba; Sr. Penildon Silva Filho, ex-secretário Municipal de Educação de Vitória da Conquista e vice-reitor da Ufba; Sr.^a Cassia Virginia Bastos Maciel, pró-reitora de Ações Afirmativas da Ufba; Sr.^a Olívia Maria Cordeiro de Oliveira, coordenadora da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufba; Sr. Ronaldo Lopes Oliveira, pró-reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da Ufba; Sr. Augusto Cesar Rios Leiro, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Ufba; Sr.^a Magaly Menezes, pesquisadora do Grupo de Pesquisa da Uneb; Sr.^a Carolina Queiroz, professora da UFRB; Sr. Rodolfo Alves de Carvalho Neto, professor da Uefs; e Sr. Walker Antônio Lins de Santana, docente de Física do Cemitec (Centro de Referência do Ensino Médio com Intermediação Tecnológica). (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Continuando a nossa sessão, ouviremos o pronunciamento da educadora, deputada estadual e presidente da

Comissão de Educação desta Casa, fazendo um trabalho gigantesco na luta contra o preconceito, as discriminações e todas as formas de desigualdades, a professora Olívia Santana.

A Sr.^a OLÍVIA SANTANA: Sr. Presidente, colegas deputados e deputadas, estou vendo a deputada Neusa Cadore e o deputado Marcelino Galo. Quero saudá-los. Saúdo esta Mesa extensa. Não me deram a nominata, presidente. Então, estou com dificuldade de citar todos. Mas, na pessoa do presidente desta sessão, saúdo todos.

Esta sessão é para homenagear Olival Freire, cientista, físico, esta personalidade internacional da ciência que tanto honra a Bahia e o Brasil no exterior e para seu próprio povo, principalmente, o seu próprio povo. Nós estamos aqui para esta celebração. Esta sessão é um ato de reconhecimento do papel histórico e da trajetória política e científica de Olival. E o impacto dessa trajetória na história da Bahia recente, na história da luta democrática e da democratização da ciência para o nosso povo baiano e para o povo brasileiro.

Eu tenho uma honra enorme de ser parte dessa construção, recepcionando a iniciativa do meu colega deputado Zé Raimundo com muito carinho e alegria. Zé Raimundo é um educador, é um professor universitário que tem uma dedicação enorme à educação, ao pensamento, à filosofia, à ideia, ao ideário democrático e popular de emancipação do nosso povo. Eu tenho muito orgulho de estar ao lado de Zé Raimundo porque ele preserva essas expectativas ou, pelo menos, as perspectivas – melhor dizendo – de transformação social que, na minha opinião, é a vocação precípua dos partidos e da militância de esquerda. Nós não devemos e jamais deveríamos esquecer para quê estamos numa Casa como esta.

Portanto, eu quero saudar o nosso reitor, professor Miguez, e já pedir o apoio dos meus colegas deputados, porque nós temos também de sair desta sessão com um ganho concreto e objetivo, além da homenagem ao nosso querido Olival. A Assembleia está prestes a assinar o convênio da Edufba com a editora desta Casa. Então, já vamos assumir aqui – não é Marcelino e Neusa? – essa responsabilidade.

Então, gente, nós estamos fazendo este ato e pensando para além dos títulos que Olival já recebeu. Minha reitora Gina, da UFRB, uma universidade que também é fruto dessa luta pelo avanço do conhecimento e da interiorização das universidades públicas. Eu, que fui filha e aluna da Universidade Federal da Bahia, também vibrei, torci e participei dessa luta pela existência da Universidade Federal do Recôncavo. Fico muito feliz por ver Gina, que fez movimento estudantil ao nosso lado. Ela era da Católica e a gente da Ufba. Nós partíamos para o congresso da UNE naquelas delegações imensas, num ônibus lotado, – já houve até situações de estudante clandestino, mas eu não vou falar sobre isso aqui –, por um sonho, por uma perspectiva, por um ideal.

Uma das coisas que mais me aproxima de Olival Freire é que ele não se tornou pedante no pedestal da ciência. Olival nunca dissociou a sua atividade científica da sua atividade política. Olival nunca viu contradição entre uma coisa e outra, meu querido professor Renildo, que está aqui, também foi presidente do

PCdoB e é também um cientista. Gisélia, você que é uma acadêmica e militante, aproveito também para te saudar. Ele fez essa passagem que não é apenas um nome no Partido Comunista do Brasil; Olival lutou contra a ditadura militar; ele deu uma grande contribuição na liderança política do movimento estudantil da sua época contra a ditadura, contra o Acordo MEC-Usaid, que entregava as universidades e toda a educação brasileira para o mercado, para as exigências do mercado; lutou contra o jubileamento estudantil; fez a luta para dizer que a universidade pública precisa servir a um projeto de nação.

Não há desenvolvimento sem universidade pública, sem investimento nas universidades, na ciência, na pesquisa e na extensão. Essa é a perspectiva que sempre orientou a ação de Olival. Ele se fez comunista por entender que os grandiosos ideais que ele tem são incompatíveis com a estrutura de um capitalismo perverso que puxa o cabo de guerra para garantir a lógica do lucro acima da perspectiva de um estado generoso para todas, “todes” e todos.

Então, nesse sentido, é absolutamente justificável a Medalha Dois de Julho para Olival, porque a simbologia da Comenda Dois de Julho diz respeito à independência. Secretário Davidson Magalhães e secretária Ângela Guimarães, diz respeito à emancipação do povo da Bahia. É a saga do povo da Bahia! Tivemos, na semana passada, uma grande provocação quando a ex-primeira-dama do inominável recebeu essa medalha.

Na verdade, isso foi uma grande armadilha, um deboche, uma contradição, porque quem é contra às perspectivas de liberdade e de emancipação do nosso povo brasileiro jamais poderia ostentar uma medalha que representa a saga de um povo contra o colonialismo, contra todas as estruturas que sempre oprimiram este país e que justificaram toda a sorte de abusos, de violência, de violação dos direitos humanos e, principalmente, que representa o ideário de um país libertário.

Portanto, meu querido Olival Freire, quero dizer que você é absolutamente merecedor da Medalha Dois de Julho. Eu vejo esses meninos que estão aqui e essa menina com essa voz maravilhosa e fico pensando que são escolhas que nós fizemos. Olival ganhou o Prêmio Jabuti porque ele pensou, escreveu e organizou um livro que unia física à cultura. Ele é fã de Gilberto Gil. Ele gosta de *Quanta* que é uma música que brinca, com muita profundidade, meu querido Penildon, com essa ideia da ciência, da quebra de limites e da valorização que o Gil – essa mente genial – faz da união entre ciência e cultura.

Olival capta isso muito bem e a gente sabe que embora ele seja um cientista com muitos princípios científicos... Eu me lembro que nos anos 80 eu era espírita kardecista. Quando entrei na universidade, fui convidada para entrar no Pcdob – professora Graça e professor João que está aqui também – e eu fiquei naquela contradição: meu Deus, eu sou espírita e quero a transformação social dentro da perspectiva religiosa dos espíritas, da caridade. E me levaram para ouvir uma palestra de Olival. Eu dei um nó na minha cabeça ao ouvir ele falar da revolução, das questões objetivas de transformação social, do marxismo e do leninismo.

Eu saí de uma usina e depois de muita militância, de avanço da compreensão, da desconstrução desse ideário religioso que muitas vezes leva alguns ao

fundamentalismo, eu consegui compreender a grandiosidade de um projeto comunista para o nosso país.

Então, eu quero também agradecer. Nunca perdi a oportunidade de agradecer à Universidade Federal da Bahia, aos professores que passaram pela minha vida e tudo o que eu consegui extrair daquele lugar. Quero também saudar a presença do nosso sempre reitor, João Carlos Salles, que está aqui nessa plateia; saudar Daniel Almeida, deputado federal e colega de partido – colega não, camarada do meu partido. (Palmas)

Quero saudar também Ezequiel Westphal, o nosso Superintendente de Educação Profissional e Tecnológica; Marcos Henrique Fernandes também, professor e vice-reitor da Uesb; Jailson Andrade, professor, pró-reitor de pós-graduação e pesquisa do Centro Universitário Senai Cimatec e vice-presidente nacional da Academia Brasileira de Ciências, que neste ato representa o reitor Leone Andrade; – trabalhamos juntos quando eu fui secretária do trabalho –; o superintendente regional do trabalho; o Ministério; a nossa querida Fátima Freire, superintendente; Manuel Barral Neto, presidente da Academia de Ciência da Bahia e pesquisador da nossa grande Fiocruz; a Sr.^a Ana Angélica Leal Barbosa, professora da Universidade Estadual do Sudoeste – Campus de Jequié; o Sr. Ricardo Miranda, Diretor do Instituto de Física da Ufba.

Por fim, eu quero saudar Osiris, Ruiva e Nem. Eu sou fã desses jovens. Eu sou muito fã dessa Banda Anarkas porque eles unem estudo musical à valorização da escola – aquilo que nós temos de melhor na nossa escola pública do estado da Bahia, professor Ricardo.

Então, eu quero me despedir dessa fala dando um grande viva à ciência. Quero dizer que eu estou muito feliz de ver a ciência voltar e mais uma vez afirmada como indissociável da luta política. Não se pode pensar no avanço da ciência dissociado da democracia. Foi a democracia – a luta tenaz pela democracia – que derrotou o bolsonarismo que tanto agrediu a ciência, que tentou estabelecer uma agenda criacionista e fundamentalista, que tentou puxar o Brasil para a Idade Média. Olival, a gente derrotou na luta política para transformar a paisagem do poder e ter hoje este, que foi pró-reitor da nossa pós-graduação, ciência e tecnologia da Universidade Federal da Bahia, contribuindo com a gestão da nossa querida Luciana Santos, primeira mulher a assumir o comando do Ministério da Ciência e Tecnologia.

Muita sorte para o governo Lula! Muita luta para respaldar este governo! Muita luta para trazer mais verbas para a universidade! A luta democrática está vencendo, mas nós queremos tudo aquilo que as nossas universidades precisam. Então, não aos cortes e, sim, aos investimentos em pesquisa, extensão e tudo o que a universidade é capaz de dar ao nosso povo brasileiro.

Muito obrigada! Viva a Olival! Viva a Medalha Dois de julho no peito de quem merece tê-la.

Obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): É com prazer que registramos a presença de Lídice da Mata, deputada e ex-senadora; Daniel Almeida, deputado federal; José David Vianna, professor emérito da UNB; João Augusto de Lima Costa, professor, estudioso e militante na vida universitária, atualmente na Apub; Helaine Souza, Sr.^a Diretora da Diretoria de Formação e Experimentação Educacional do Instituto Anísio Teixeira; Augusto Vasconcelos, Sr. Vereador da cidade de Salvador; Emiliano José, ex-deputado, militante, pesquisador, historiador e jornalista; Álvaro Gomes, o nosso querido ex-deputado estadual; Luiz Nova, ex-deputado, ex-professor da Uesb e grande lutador da nossa geração; Aladilci de Souza, ex-vereadora de Salvador; Sílvio Soglia, ex-reitor da UFRB; Rosalba Oliveira, Sr.^a Superintendente da Fapex; Maria Angélica Carneiro, Sr.^a Juíza da 2^a Vara de Execuções Penais. (Palmas)

Prosseguindo, eu convido o magnífico reitor da Universidade Federal da Bahia para fazer um pronunciamento e também representar as demais instituições universitárias honradas com este ato.

Por favor, professor.

O Sr. JOÃO CARLOS SALLES PIRES DA SILVA: Obrigado, deputado. Quero saudar todas as presenças, membros desta ilustríssima Mesa.

A responsabilidade é imensa mas a alegria é maior, especialmente pelo fato de vermos, mais uma vez, essa medalha, essa comenda ser entregue a quem de direito. (Palmas) Então, a alegria, a responsabilidade é grande, porque para falar aqui sobre Olival são muitos os chapéus que a gente teria que usar. Um deles em especial. Olhando para este Plenário, eu diria que, até do ponto de vista estatístico, Olival representa vivamente as acaloradas conversas, discussões nas nossas assembleias lá atrás, quando o que nos movia, nos mobilizava era a luta contra a ditadura militar.

Eu digo estatisticamente, porque olhando aqui eu vejo a larga maioria do PCdoB, não é? Viração. Vejo membros da Nova Ação. Está ali o meu querido amigo, irmão, meu reitor João Carlos Salles; vejo ali Bilu; está aqui o professor Ricardo, como membro da Mesa. Portanto, estamos bem representados, uma geração que se empenhou na luta contra a ditadura militar.

Encontrei, depois de muitos anos, a presidente do diretório da Faculdade de Direito, chapa a qual integramos. Eu na condição de secretário de Cultura, e o professor Celso Castro, como secretário-geral. Está ali a presidente do diretório, a juíza Angélica. Já não nos víamos há muito tempo. Portanto, a alegria é imensa.

É quase um recorte daquelas assembleias, Olival, ao dizer, portanto, que esta comenda, neste momento, chega a boas mãos.

Agradecer, portanto, ao deputado Zé Raimundo, porque, ao galardoar Olival com essa comenda, o senhor está celebrando a trajetória de uma geração que Olival representa, e representa muito bem. Uma geração que sabia que era importante e fundamental sua organização e sua mobilização para enfrentar a ditadura militar. Mas uma geração que não se deu por vencida após a derrota da ditadura militar e que continuou no caminho da luta para fazer com que este país seja efetivamente um país livre das desigualdades, livre do autoritarismo.

Aqui, Olival, e abraçando afetuosamente um velho companheiro, as trincheiras estavam ali ao lado, o inimigo era comum, e é isso o que importa. Sabermos que vencemos esse inimigo comum é o que mais importa hoje, mas o que mais importa mesmo é saber que você continua na luta.

Tive o prazer imenso de dividir com você o desafio da gestão da Universidade Federal da Bahia sob o comando do professor João Carlos. E tenho agora a alegria imensa de vê-lo na retomada da vida brasileira do ponto de vista da ciência, tão massacrada, tão negada ao longo dos últimos anos do governo que, felizmente, ficou para trás. Isso é a certeza de que aquela geração, Olival, da qual você é um excelente representante, continua firme na defesa da construção de um Brasil que seja menos desigual, que seja fundamentalmente uma pátria democrática, porque foi exatamente a luta pela democracia que lá atrás nos mobilizou e que hoje continua nos mobilizando.

Quero lhe agradecer em nome dos colegas de geração. E neste momento eu tenho a certeza de que naquele tempo era muito difícil conseguirmos uma unanimidade numa assembleia, mas passado tanto tempo, Olival, a gente vê que aquelas acnes, que foram muito importantes na juventude, hoje se transformaram na certeza de estarmos aqui, juntos, abraçando um velho camarada, um velho amigo, ao qual a Bahia e o Brasil agradecem.

Parabéns, Olival! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Registro a presença da Sr.^a Deputada estadual Fátima Nunes, líder da Bancada do PT nesta Casa, e do professor Milton Vasconcelos, ex-secretário do Trabalho e professor universitário.

Concedo a palavra, para um breve pronunciamento, à professora Ana Angélica.

A Sr.^a ANA ANGÉLICA: Bom dia a todos, todas. Zé fazendo surpresa. Eu não estava com um discurso preparado, mas estou aceitando o desafio. E meu desafio, diferentemente do de Zé, de Olívia e do professor Miguez, que me antecederam, vai ser uma fala afetiva, uma fala de uma amizade longa, não é, Olival?, e representando... eu tomo aqui a ousadia de representar os amigos de Jequié que não puderam estar aqui.

Então, a nossa amizade é de Jequié, de muito tempo. Temos aqui Cristina Melo, que também foi uma amiga desde a infância. Na infância e na adolescência.

Então, vocês conhecem o Olival pesquisador, militante, tudo isso que foi falado aqui. A gente conhece o Olival adolescente, não é, Marcos?, que ia para Jequié para nos ajudar. E quando falo ajudar não é ajudar só para fazer festa, para brincar, para se divertir, mas também para ensinar. Essa generosidade de que Vítor falou ali é super, hiper verdadeira. Com toda essa movimentação, Olival, arranjava o horário e o dia para tirar nossas dúvidas, para conversar, para ensinar. Então, Olival é essa pessoa.

E as imagens que eu tenho de Olival, quando eu estava vindo ontem, pensando, são bem anteriores mesmo. Olival pequeno, lendo um jornal na porta da loja da mãe dele, que tinha um armarinho, o Nova Paris. Olival lendo, com 10 anos. Eu passava e olhava: que menino é aquele? A gente ainda não tinha muita intimidade. Eu olhava assim e achava aquele negócio, mas era Olival. E a gente o chama de Olivalzinho, não é? Mas esse Olivalzinho se transformou em tudo isso e com essa característica, que vocês todos levantaram aqui antes de mim, de muita amizade, mesmo longe, porque se afasta de Jequié. Depois, eu volto para Jequié e ele fica por aqui. E esse pessoal que foi e voltou, nós temos muitos lá ainda, Olival, que te respeitam e que perguntam. E quando tem uma comenda dessa, também vai ser divulgado lá que está tendo. Inês está lá também porque não pôde estar aqui. Mas é isso que eu queria falar, que essa nossa relação... Quando o Zé falou, não fiz discurso. Ele não me disse que eu ia fazer, mas eu falei assim, a minha fala é uma fala afetiva.

E o professor Miguez levantou uma coisa bem bacana aí. Quem leu o livro de Jorge Wilton lembra de tudo isso também. E fiquei discutindo com ele o negócio de idade. Que eu estava lendo e tinha uma idade lá que eu dizia que não estava correta, e não está mesmo, no livro. Mas, enfim, o que importa é que essa geração fez essa mudança. Nós estamos, todos aqui, em lugares diferentes, em posições diferentes, mas sempre lutando por um Brasil melhor, por uma democracia, por um país bem melhor do que esse. E mesmo que a gente não veja, eu acho que a gente tem que plantar a esperança. Estudar História é isso, estudar História é para ajudar a gente a ver um futuro melhor.

Mas eu não vou me alongar porque a festa é dele. O presente está lá, Fátima, depois eu dou. Tina, traz o presente aí! O presente não é um presente, é lembrança, gente.

Então, é isso. Eu agradeço também. Acho que o Zé Raimundo foi brilhante nessa indicação, super, mais que merecida. Não é só pela amizade, mas pelo respeito que eu também tenho, como todos que me antecederam e falaram, pelo trabalho, pelo carinho que Olival tem, mesmo longe, não é, Olival?, mesmo longe, com as pessoas que fazem parte da vida dele.

Obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Eu registro a presença, com muito prazer, de Geraldo Galindo, presidente do PCdoB, e do professor Ney Campelo, ex-secretário da Educação de Salvador.

Concedo a palavra, para uma breve fala, a esse outro símbolo da nossa geração, a deputada Lídice da Mata.

A Sr.^a LÍDICE DA MATA: Bom dia a todos, companheiros e companheiras aqui presentes.

Eu não sabia que fora da Mesa já se permitia isso. Mas na condução de Zé Raimundo todos os ritos serão quebrados. Aliás, um dos cartazes da nossa campanha

para o DCE dizia justamente isso: Os mitos serão derrubados. Mas era uma campanha feminina, feminista. Lembra, Aladilce?

Mas bom dia, gente. Eu cheguei correndo, porque cheguei agora, de avião. Desde o final da semana passada que sabia disso aqui e mudei minha passagem, porque eu vinha ao meio-dia, para poder vir hoje e estar aqui, presente a essa homenagem mais do que justa e necessária ao nosso querido Olival Freire.

Olival, como todos devem ter dito, foi um ícone, sem dúvida, da nossa geração. Quando eu entrei na universidade, Olival já estava nela e já era, assim, o principal líder, dividindo com Tinôco, que chegava um pouquinho perto ali, a referência de um tipo de pensamento político na Universidade Federal da Bahia.

Vejo Elsa Kraychete, outra grande referência nossa, no caso, da minha escola.

E Olival tinha uma capacidade de síntese que é marca na vida dele. Nas grandes assembleias, era sempre escolhido para defender a nossa posição porque era o único que conseguia falar em 3 minutos o conjunto da proposta. Ou mesmo quando eram 2, ele falava em 2 também. Bastava dar o tempo, ele sabia resumir o seu pensamento o suficiente para que a proposta pudesse ser aprovada, o que geralmente acontecia.

Então, essa é a primeira imagem que tenho de Olival quando cheguei na universidade. Depois, ela foi sendo acrescida, é claro, de uma militância mais próxima, de conviver com ele como dirigente, àquela época, do PCdoB; nos desafios da construção da campanha de Haroldo; nos desafios de todas as campanhas do PCdoB naquele período; nos desafios da vitória da eleição de Luiz Caetano, como prefeito; da organização do governo de Caetano, com todas as suas conquistas políticas importantes. Liginha se referiu, quando pôde, lá na Reitoria da Universidade Federal da Bahia, quando recebendo um reconhecimento como professora, citou o seu papel como secretário da Saúde. Mas, sem dúvida nenhuma, o papel central de Olival foi na montagem daquela gestão, na organização daquele governo.

Portanto, Olival é um quadro que tem experiências as mais diversificadas. Chegou a sair da Bahia e ser presidente do PCdoB, em São Paulo, no primeiro processo de reorganização, absolutamente vitoriosa, de construção do PCdoB naquele que é o maior município do país. Então, essas marcas da vida de Olival são definidoras do seu papel político.

E dentro da universidade, ele vai adiante, Renildo, ele constrói também uma carreira profissional, acadêmica que se torna referência. Ele sempre se desafia, ele sempre vai numa direção que a gente não espera.

Isso não quer dizer que a minha vida com ele tenha sido sempre uma coisa, assim, de muita harmonia, muito pelo contrário, foi marcada por discussões, por confrontos.

Ele também é uma pessoa muito afetuosa, essa é que é a verdade. Liderava a sua própria família. Aliás, uma das suas puxa-sacos maior está ali, ao seu lado, fazendo parte da Mesa, a sua irmã mais velha, Fátima, mas todas são iguais. Ela

consegue, na disputa com Inês, ver quem é que é mais olivete. Mas isso é a expressão de sua personalidade humana, como aqui destacou a nossa professora.

A minha querida amiga Olivinha me lembra de um outro papel de Olival que foi na construção do MDB, ainda no período da clandestinidade do PCdoB, da nossa participação militante no MDB, a organização da tendência popular, juntamente com o Chico Pinto, que foi também um processo da reconstrução democrática no Brasil, em que Olival é também destacado, meu querido João Carlos, que ressurgiu agora, volta para nossa terra exatamente nas comemorações dos 187 anos da nossa querida cidade de Cachoeira, como conterrâneo.

E, na verdade, essa perspicácia de Olival, essa singularidade da sua personalidade política que foi difícil no momento em que ele disse: “Vou para outro lugar, vou ficar na universidade”, que todo mundo pudesse compreender e aceitar.

Mas essa é a vida, não é? E, dentro desse contexto, ele continua sendo um grande pensador da política, uma pessoa que reflete sobre o Brasil, que conseguiu influenciar todas essas pessoas que aqui estão no seu caminho, nas suas convicções. Alguém disse aqui que a nossa geração foi uma geração que realizou, digamos assim, Miguez, Angélica, os outros eu não ouvi, que realizou, talvez, a sua tarefa central, que foi a conquista do fim da ditadura e da construção democrática.

A única preocupação que eu tenho é que agora, nessa idade em que nós estamos, nós não conseguimos nos desfazer dessa responsabilidade e cada vez nos preocupa mais essa responsabilidade diante do momento que vivemos em nosso país.

Precisamos, com o tempo que temos, Liginha, ver como contribuímos nessa seara ainda mais desafiante porque agora já com algumas linguagens, alguns desafios, alguns cenários com os quais nós não estávamos acostumados nem sabemos realmente como enfrentá-los de fato.

Este é um grande momento. Eu conversava há pouco com Emiliano, eu estou sentindo que todo mundo está se olhando e dizendo: “Precisamos conversar”. Passou, não dá mais, ninguém aguenta mais aquela Câmara dos Deputados discutindo Orçamento, emenda e divisão de emenda, o que é uma vergonha para o Brasil.

Nós precisamos de uma Câmara com dirigentes e deputados de esquerda que discutam este momento que nós vivemos e quais as saídas para o Brasil, assim como toda a militância, em que lugar esteja, precisa parar, neste momento, para refletir esse passo que nós estamos dando e esse impasse que nós vivemos na disputa com a extrema-direita no mundo e aqui em nosso país.

E Olival, sem dúvida nenhuma, tenho certeza, terá condições de continuar abrindo caminhos nessa direção e nos ajudando a pensar essas saídas.

Muito obrigada. Eu falei de improviso aqui, não estou sabendo muito como foi, mas é isso aí. Grande abraço, Olival. Sinto-me feliz por estar aqui dividindo essa sua conquista. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): É com prazer que registro as presenças do conselheiro do tribunal de contas do estado, o ex-deputado João Bonfim, e do professor Aderbal Castro, ex-vice-reitor da Uesb e ex-subsecretário de Educação do governo do estado.

Recebi uma mensagem de um companheiro, de um camarada seu, Olival, que diz o seguinte: (Lê) “*Caríssimo Amigo, Deputado Zé Raimundo!*

Estava tudo certo para na manhã de hoje (14/03), participar da Sessão Especial de entrega da COMENDA 02 de JULHO ao Professor Olival Freire Junior.

Ocorre, no entanto, que fui ao acometido de uma forte gripe que me impede de sair de casa, razão por que escrevo estas breves linhas para registrar meus parabéns pela iniciativa de homenagear o amigo OLIVAL FREIRE (nosso contemporâneo de Universidade Federal da Bahia).

O momento é de celebrar com alegria a concessão da Comenda 02 de Julho que é uma justa homenagem à longa trajetória do amigo, professor e cientista Olival Freire Junior, que tem uma vida inteira dedicada, não só à ciência, mas também a construção de um Brasil Justo, Soberano e Independente.

Por derradeiro, amigo Zé Raimundo, transmita ao homenageado meu abraço e felicitações pelo recebimento desta justa homenagem.

Grande abraço,

Vandilson Costa.”, ex-deputado. (Palmas)

Uma outra mensagem que recebi:

(Lê) “*Fico agradecido pelo convite a participar da justa homenagem que é entrega da Comenda 2 de Julho a Olival Freire Jr. Eu ficaria bastante contente em estar presente, no entanto, lamentavelmente, estou sem condições de comparecer ao evento por motivos de trabalho.*

Sobre Olival Freire, trata-se de um cidadão que sempre esteve na vanguarda da luta pelo fim do regime militar e pela reconstrução da democracia no Brasil. Conheci Olival em 1973, quando ingressei em Geologia na UFBA e fui convidado por ele a participar do Movimento Estudantil e a ingressar nas fileiras do PCdoB. Olival destacou-se como uma das lideranças da greve contra o jubramento na UFBA e que se amplificou em gloriosas jornadas por liberdade e pela melhoria do nível de ensino.

Lembro-me que a greve iniciou-se no Instituto de Geociências, recebeu o apoio de todas as unidades e sagrou-se vitoriosa após 45 dias de paralisação. Naquela greve, há um acontecimento que sintetiza a coragem, a liderança e o discernimento político de Olival:

O Cel. Luiz Arthur - superintendente da Polícia Federal - foi pessoalmente à assembleia convocada pelo DCE - nas escadarias da Escola Politécnica, para ameaçar os estudantes. Sua fala foi:

- Se a greve não acabar imediatamente, cabeças vão rolar!

Olival, por sua vez, bradou a plenos pulmões:

- *Que comecem a rolar as cabeças, coronel, pois a greve continuará até a vitória! - sendo ovacionado pelos cerca de 5 mil presentes à assembléia!...*”, entre os quais, este humilde deputado estava lá para ovacionar o nosso Olival Freire.

(Lê) *“(...) Minha amizade com Olival Freire iniciada durante a participação no ME nos anos 1970 permanece até os dias de hoje. Olival Freire é um sujeito que nos honra pela sua permanente convicção na defesa da construção de uma sociedade sem discriminação de qualquer tipo e sem ódio.*

Parabéns, Deputado Zé Raimundo e Assembleia Legislativa da Bahia, por esta homenagem justa e legítima ao vibrante lutador das causas sociais, Olival Freire Júnior.”

Esta mensagem foi de Bira Mota, geólogo, ex-colega da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, companheiro de muitas jornadas. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Eu passo agora a palavra, para o seu pronunciamento, ao secretário e ex-deputado federal Davidson Magalhães, que neste ato também representa o nosso governador do estado. Por favor, Davidson.

O Sr. DAVIDSON MAGALHÃES: Bom dia a todas as pessoas presentes neste importante ato, Ex.^{mo} Deputado Zé Raimundo, eu quero parabenizá-lo pela iniciativa da Comenda Dois de Julho a Olival Freire.

Difícil falar aqui em nome do governador, que, aliás, também viveu lá em Jequié e pode ter, exatamente, essa afinidade com a terra do Olival.

Eu quero destacar aqui a trajetória científica de Olival, que já foi bem destacada, e eu vou colocar aqui, no meu pronunciamento, um testemunho de quem viveu de perto algumas etapas dessa trajetória política tão bem relatada pelo livro de Jorge Wilton, que está ali. É a trajetória de um conjunto de jovens que se deslocaram do interior para Salvador, para a Bahia, para estudar, porque o acesso ao nível superior no interior era muito restrito.

Mas eles aqui chegaram e traíram a trajetória inicial. Vieram estudar, mas terminaram foram fazendo muita política, estudando e fazendo política, e Olival está, exatamente, dentro dessa geração importante da resistência à ditadura militar.

Cheguei aqui, me deparei com a... Eu que era jovem, bastante jovem no período, essa é outra geração... Estão aqui Luiz Nova, Olavo, Valdélino, Corró, Adson, Sandra Soares, Cristina Melo, Renildo, Lígia, Graça e tantos outros. Nós, chegando aqui do interior, eu, no Colégio 2 de Julho, está ali o meu rival do Colégio 2 de Julho; ele, João Carlos, de inovação; e eu, de viração, fomos, exatamente, motivados pelo exemplo de resistência daquela juventude.

Eu sempre disse que eu vi uma passeata pela porta do 2 de Julho, pulei aquele muro e nunca mais voltei, não foi isso, Adson? Nunca mais voltei. Quero dizer da importância da trajetória dessa geração, de resistência, de construção, que muito bem foi colocada aqui por Lídice.

Além disso, Olival tem uma marca muito importante. Olival eu acompanhei de perto, por relação familiar com ele à época. Esse debate dele de sair da direção nacional do partido para ir para a vida acadêmica, até nesse processo, foi uma

pactuação com João Amazonas, uma discussão permanente, ou seja, o compromisso... Aqui nós temos um verdadeiro intelectual orgânico na acepção da palavra, o que faz da ciência um instrumento de transformação social, e Olival é essa referência muito importante.

Eu acho, Olival, que está faltando aqui... pena que estão faltando aqui, neste momento, eu acho que eles iriam preencher com outras marcas, Haroldo Lima, Sr. Vadinho, dona Julieta, que foram, assim, pessoas que tiveram toda uma marca da sua formação política, social e familiar. Eu queria destacar isso aqui porque você sempre teve esse laço político, não perdeu a afetuosidade e o compromisso social que o cientista deve ter com a busca da razão, mas também com a busca da transformação.

Este era o depoimento que eu queria dar, de quem conviveu por muito tempo e convive até hoje com você, em diversas faces da sua trajetória política e pessoal. Nós, inclusive, já fomos colegas, você ensinando Física, e eu ensinando História, no curso pré-vestibular Dimensão, em Camaçari, para levar Caetano para lá para ser candidato a vereador.

Então, são trajetórias que se firmam. Este momento, esta medalha, esta condecoração Dois de Julho, é muito importante para nós resgatarmos o compromisso histórico que as novas gerações devem ter não com o indivíduo, não com a disputa pessoal, mas com a construção de um novo país. São exemplos dessa geração, e esses exemplos são importantes para o Brasil seguir em frente.

Tenho certeza de que nós vamos, apesar de todas as dificuldades, apesar de todos os retrocessos que nós pensávamos que não voltaríamos a ter, nós vamos continuar no caminho da civilização e no caminho do avanço social com exemplos como o seu.

Parabéns! (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Em nome do Poder Legislativo da Bahia, neste momento, eu convido, para participar da entrega da Comenda Dois de Julho ao professor Olival Freire Junior, a sua esposa, Agne Soares, e a sua irmã Dr.^a Fátima Freire, ao lado do nosso professor Barral e do nosso reitor Miguez. (Palmas)

(Procede-se à entrega da homenagem.)

A Sr.^a Olívia Santana: Peço a todos que fiquem de pé, por favor.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Deputada Olívia Santana, por favor.

(Procede-se à entrega da homenagem.)

(Procede-se à execução musical.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): É com prazer que registro a presença da Sr.^a Ceuci Nunes, presidente da Bahiafarma (palmas), e, também, Adida, ex-diretor do nosso grêmio, do DCE de História.

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Neste momento, eu concedo a palavra ao nosso homenageado, o professor Olival Freire Junior, para o seu pronunciamento. (Palmas)

O Sr. OLIVAL FREIRE JUNIOR: Bom dia a todos. Eu quero, inicialmente, agradecer e saudar o deputado Zé Raimundo, presidente da sessão, autor dessa iniciativa; Davidson Magalhães, que neste ato representa o governador do estado da Bahia; a deputada Olívia Santana, que compõe a Mesa; e Ângela Guimarães, secretária de estado.

Ao citar e saudar o professor Paulo Miguez, eu gostaria de estender, de fazer uma homenagem conjunta ao professor Paulo Miguez, à professora Georgina e ao meu ex-reitor João Carlos Salles. Quero saudar também o professor Ezequiel, superintendente de Educação Profissional e Tecnológica, que representa neste ato a Secretaria de a Educação do Estado da Bahia; e o professor Marcos Fernandes, vice-reitor da Uesb.

Ao saudar Jaílson, vice-presidente da Academia Brasileira de Ciências, representando o Senai Cimatec, eu quero fazer uma saudação diferente. É enorme o meu prazer de ter aqui Jaílson, representando a Academia, como vice-presidente da Academia; Manuel Barral, como o presidente da Academia de Ciências da Bahia, mas, num outro sentido, Jaílson, Barral, Sérgio Ferreira, Tierry e Ronaldo, ex-reitores de Pesquisa e de Pós-graduação da Universidade Federal da Bahia.

Quero saudar a minha irmã, Fátima, superintendente Regional do Trabalho, e Ana Angélica. Ao saudar Ricardo Miranda, diretor do meu instituto, gostaria também de saudar alguns colegas que eu vejo aqui: Paulo Miranda, o meu eterno mestre; Graça; Davi; Caio; Roberto Andrade. (Palmas) Espero não ter esquecido...

Participante da sessão: Renildo.

O Sr. OLIVAL FREIRE JUNIOR: Não, Renildo não foi professor do Instituto de Física: ele foi meu colega. (Risos)

Quero também saudar a senadora Lídice da Mata, pela generosidade das suas palavras; e o deputado federal Daniel Almeida, que foi o autor do projeto de criação do Dia do Físico e agora é autor de uma proposta de sessão especial da Câmara dos Deputados para homenagear o centenário de César Lattes. Quero agradecer também a presença dos deputados estaduais, a exemplo de Fátima Nunes, e dos demais deputados que estão aqui presentes.

Quero fazer uma saudação especial a uma pessoa que tem um enorme significado para mim. Estou me referindo à Diva Melo – que está ali, no alto dos seus 90 anos, que é, nesse auditório, provavelmente, quem me conhece há mais tempo, amicíssima da minha falecida mãe e que me acompanhou desde a adolescência até os tempos de perseguição política aqui em Salvador – em cuja casa, várias vezes, era onde eu tinha apoio. (Palmas)

Bom, quando o deputado Zé Raimundo me ligou para falar da sua iniciativa, eu fiquei muito contente pelo significado do Dois de Julho para todos nós baianos e brasileiros, mas busquei refletir sobre qual era o sentido que eu poderia atribuir a essa distinção e me preparei. Quem me conhece sabe que eu geralmente falo de

improviso. Lídice realçou a minha capacidade de síntese, mas hoje eu não tive capacidade de síntese e liguei para o deputado Zé Raimundo, perguntei qual era o tempo que eu tinha para falar e ele me disse que eu tinha o tempo que eu quisesse. Eu escrevi algumas coisas que eu vou ler aqui – quero pedir a paciência de vocês –, mas eu tenho a impressão de que eu acertei qual é o sentido que eu vejo nessa homenagem, porque todos que aqui me antecederam falaram um pouco disso.

Então, para além de eventuais méritos pessoais, eu acho que esta homenagem é uma homenagem a gerações, instituições e causas. Homenagem à geração que aqui foi referida, que eu vou recortar de maneira mais precisa, que é a geração que, na década de 1970, particularmente entre 1972, 1976, e 1977, lutou pela democratização da universidade e do país; à instituição Universidade Federal da Bahia, que é a minha *alma mater*, instituição com a qual eu convivo desde que ali ingressei, em 1972; e à causa da educação, da ciência e da tecnologia, além, claro, da perspectiva mais geral de uma sociedade mais justa, menos desigual e de um país soberano.

Eu começo, então. Quero fazer comentários sobre o que eu acho que é o sentido desta homenagem. A geração da Ufba... e aí eu recorto bem de 1972 a 1976, porque eu convivi com várias gerações depois e eu quero citar alguns nomes aqui. Como o Zé Raimundo já chamou a atenção, eu ingressei na Ufba em 1972 e ele em 1973. A universidade vivia ainda o impacto da brutal repressão aos direitos políticos que havia sido instaurada no Brasil logo após a decretação do Ato Institucional nº 5, em 13 de dezembro de 1968.

O clima de medo que isso derivava era imenso. Eu diria que só os que viveram naquela época conseguem ter uma ideia do que era esse clima de medo. Devo precisar que essa geração que entrou, em geral, não vivenciou nem as grandes manifestações de rua de 1964 a 1968, nem vivenciou – e aí eu falo pela minha experiência pessoal porque não vivenciei diretamente – as torturas, as mortes e os assassinatos, logo após o Ato Institucional nº 5. Eu estou vendo aqui o meu amigo Emiliano, a quem eu não fiz referência, mas Emiliano é justamente dessa geração, um pouco antes da minha.

Hoje, pelo trabalho da comissão da verdade da Ufba, instaurado pela professora, na época reitora, Dora Leal Rosa, e sob a liderança do professor Othon Jambeiro, nós sabemos que 80 estudantes tiveram a sua matrícula recusada na Universidade Federal da Bahia, em janeiro e fevereiro de 1969. Foi uma universidade que não precisou aplicar o Decreto-Lei nº 477 porque todos foram impedidos de acessar a universidade antes desse decreto.

Desses, pouquíssimos conseguiram retornar à Ufba depois. Outros tantos conseguiram ter uma formação universitária, em geral, em faculdades particulares. Esses todos foram expulsos. O reitor, à época, era o saudoso professor Roberto Santos, o criador da nossa Academia de Ciências da Bahia, mas a documentação que está nessa comissão da verdade revelou que ele cumpriu ordens da 6ª Região Militar. Isso era a ditadura militar na altura de 1969.

Você não tinha nenhuma instituição que tivesse a mínima autonomia. Dessa época em que eu entro na universidade, de 1972 em diante, não foi só essa menção

aos que não retornaram à Ufba, até porque, naquela época, os mais novos, os que não tinham tido uma militância, uma vivência anterior, os que tinham chegado aqui em Salvador em 1969 como eu cheguei, a gente não tinha esse número de 80 pessoas e a gente tinha uma vaga informação. Eu lembro do advogado Saul Filho, se eu não me engano, Saul Quadros Filho, que foi nosso advogado na luta contra o provão. Eu sabia que ele tinha sido expulso da Ufba, mas sabia muito vagamente, não sabia quantos haviam sido expulsos.

Mas eu quero dizer que essa percepção de um corte não era completamente clara para a minha geração, àquela época. A gente não tinha uma clareza do impacto que aquilo tinha trazido à Ufba, mas nós vivenciamos as notícias sobre torturas e, muitas vezes, assassinatos. E eu peço a paciência de vocês para referir aqui aqueles episódios que impactaram, se não o conjunto da minha geração, mas impactaram a mim, pessoalmente.

Eu só fui preso em 1985, praticamente não fui torturado, mas, durante muito tempo – as pessoas que convivem comigo sabem –, foram anos de terapia para compreender o sonho recorrente de que eu estava sendo preso. Eu precisei compreender o que foi a experiência daqueles anos iniciais.

(Lê) “(...) Mantendo-me apenas na paleta cronológica entre 1972 e 1976, vivenciamos, na Universidade Federal da Bahia, notícias como as das prisões e torturas do professor Arno Brichta e do estudante Francisco Jatobá, ligados ao Molipo, ambos do Instituto de Geociências, e, nesse contexto, a passagem à clandestinidade da estudante de engenharia Cristina Sá, em decorrência dessas prisões, em 1973...”

Nessa época, eu também lembro muito da chegada de dois professores que vieram da USP, Ernesto e Amélia Hamburger, que aqui foram acolhidos pelo professor Carlos Alberto Dias. A gente só sabia que eles tinham sido presos e por isso tinham vindo para a Bahia. Muito depois, sendo orientado por Amélia, eu fui compreender que eles foram presos e torturados em São Paulo.

Nós, da minha geração, também vivenciamos (lê) “(...) a prisão e a tortura de vários professores e estudantes da Ufba, em 1975, em decorrência de ação policial contra o Partido Comunista Brasileiro, o PCB...” Foram vários colegas, mas eu destaco aqui a prisão do nosso colega do Instituto de Física, o professor Roberto Argolo. Foi a época também da “(...) demissão sumária e arbitrária do professor Paulo Miranda, pelo crime de portar um título de mestre de uma universidade soviética. Todos esses episódios no mesmo Instituto de Física para onde me transferi em 1973...” Ainda na mesma paleta cronológica, eu não posso deixar de citar a prisão de Valdélino, que está aqui, e de Frederico Torres, nas primeiras tentativas de reorganização da UNE.

(Lê) “(...) As notícias dos bárbaros assassinatos, fora da Ufba, também impactavam a minha geração. Assim foi em dezembro de 1972, nós abrimos os jornais e vimos a notícia dos assassinatos de Carlos Danielli, Lincoln Roque, Luís Guilhardini, dirigentes do Partido Comunista do Brasil, o PCdoB, que foi o que cristalizou em mim a decisão de aderir a esse partido para reforçá-lo; em 1973...” –

outra notícia de enorme impacto – “(...) os assassinatos de Gildo Lacerda e de Edgar da Mata Machado, jovens dirigentes da Ação Popular Marxista-Leninista, a APML, Gildo, à época, casado com a jornalista baiana Mariluce Moura; em 1975, a notícia do assassinato de Armando Frutuoso, dirigente do PCdoB; no mesmo ano, o assassinato de Vladimir Herzog, em São Paulo, em 1975; 1 ano depois, o assassinato, também em São Paulo, dos dirigentes do PCdoB, Pedro Pomar, Ângelo Arroyo e João Batista Drummond; além de prisões e bárbaras torturas de Haroldo Lima, Aldo Arantes e Elza Monnerat, episódio hoje conhecido como Chacina da Lapa.

Nessa época, começaram também a aparecer as notícias sobre os assassinatos e desaparecimentos dos guerrilheiros do Araguaia, com muitos nomes de estudantes baianos. Cito apenas os nomes de Antônio e Dina, que haviam sido alunos da Geociências da Ufba, e Dinaelza e Vandick, que foram alunos da Universidade Católica do Salvador e são de Jequié, referência importante.

Essa era a época também da censura generalizada. A censura que ia de jornais como o Pasquim, Opinião, Movimento ao Estado de São Paulo. Nada ilustra melhor a censura dessa época do que a proibição da música *Apesar de você*, de Chico Buarque de Hollanda.

Foi contra esse estado de coisas que a geração – penso – que deveria ser homenageada hoje aqui se insurgiu e não foi a única, a geração que nos antecedeu e a que nos sucedeu, também. Mas foi nesse contexto que nós nos insurgimos, vários de nós, por vezes em atividades culturais, como no Centro Universitário de Cultura e Arte; ou em atividades reivindicatórias, como Esse Boicote ao Provão em dezembro de 1972; ou na reorganização do Diretório Central dos Estudantes da Ufba, em meados de 1973, do qual tenho a honra de ter sido o primeiro presidente do DCE organizado.”

Já que eu vou falar mais tarde da Ufba, (lê) “(...) Dessa época registro a convivência civilizada com o reitor Lafayette Pondé. É dessa época também que nós tivemos as greves por melhores condições de ensino como parte da nossa resistência. Aqui já foi referida, a greve que tem início na Geociências, as greves na Medicina, na Comunicação, na Farmácia, e essa que já foi aqui referida, a greve geral de 1975.”

Da época da greve geral, registro as enormes dificuldades que tivemos de convivência com o reitor Augusto Mascarenhas, a universidade estava há 40 dias em greve, nós nunca fomos recebidos pelo reitor Augusto Mascarenhas. Foi preciso o diretor do Sesu vir à Bahia dialogar com os grevistas para tentar acabar com a greve, porque o Augusto Mascarenhas nem conversava com os estudantes.

(Lê) “(...) Contudo, sobre esse reitorado aprendemos, muito depois, já na Comissão da Verdade da Ufba, que ele foi instado a coisas piores, como um pedido de uma professora da Ufba de aplicação do Decreto nº 477/1969, com a consequente expulsão da universidade deste que vos fala. Ele deixou essa demanda dormir nos arquivos da universidade. Nós só descobrimos essa demanda na Comissão da Verdade da Ufba.

Nessa época, foi grande a resiliência, a resistência e a pujança dessa geração. O foco principal, certamente, foi a Universidade Federal da Bahia, mas rapidamente

ela se espalhou para a Universidade Católica do Salvador, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Faculdade de Economia - Carlos Frederico Azeredo; para o Movimento Secundarista; mais tarde para o trabalho conjunto com entidades de profissionais liberais, a exemplo do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Esse movimento todo também interagiu com o movimento sindical e de bairros, com o apoio de diversas denominações religiosas, dentre as quais a Católica, liderada pelo abade dom Timóteo, no Mosteiro de São Bento; pelos padres Claudio Perani, no CEAS; e Renzo Rossi e Paulo Tonucci; e o professor Dourado, então diretor do Colégio 2 de Julho.

Na minha opinião e na minha percepção como historiador, a expressão maior da pujança, da resistência democrática na Bahia foi o fato de que em 1979, quando a luta pela democratização ganhou fôlego, dois grandes congressos cruciais não se realizaram no Rio nem em São Paulo, se realizaram aqui na Bahia: o Congresso da Reconstrução da UNE, em 1979; e o Congresso Nacional pela Anistia. O primeiro, no antigo Centro de Convenções de Salvador e o segundo, o da anistia, no Colégio 2 de Julho.

Como eu já fiz referência aos dois reitores anteriores, não posso deixar de me referir ao terceiro dessa época, Macedo Costa, pelo fato de, em 1979,” também sabemos disso pela Comissão da Verdade da Ufba...

(Lê) “(...) Ele compreendeu que o país estava mudando e autorizou a minha contratação como professor substituto, contrariando instruções expressas dos órgãos de segurança do Regime Militar.” Isso em março de 1979.

(Lê) “Dessa geração muitos são os nomes que consigo lembrar e não vou citar todos, porque também cometeria muitas omissões, mas eu quero lembrar alguns poucos aqui.”

Zé Raimundo já fez referência ao Diretório Acadêmico de História da Ufba, (lê)“(...) atividade de reorganização do movimento estudantil, na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Ufba. Nessa época, a faculdade transitou entre Nazaré, Terreiro de Jesus, para finalmente se instalar de modo permanente na Estrada de São Lázaro.

Lembro muito fortemente dos colegas, correndo o risco de omissões, mas não posso deixar de citar.” Se Dida está aqui eu quero citá-lo. Ele foi presidente do DA de História. (Lê) “(...) o Eduardo Santiago; Lena, sua esposa; a Albanita Pimenta; Sérgio Guerra.

Nessa mesma faculdade, na Psicologia, estava a minha líder, Sonia Sampaio; Eulina da Rocha; Ana Helena Caldeira; Sandra Soares, depois a mãe do meu filho, nos casamos; Ilka Bichara, eu sei que está aqui; Ana Portela.

Um pouco mais tarde, nas Ciências Sociais, estavam, ou melhor, na mesma época, Mara Rebelo e Lucia Guedes, e mais tarde, Clara Araujo e Valdelio Silva,” que eu tive o enorme prazer de reencontrar aqui.

Não poderia deixar de fazer referência a um colega da Medicina que foi o grande líder da faculdade de Medicina, Sinval Galvão. Ele me endereçou uma mensagem que mexeu profundamente com meu coração.

(Lê) “(...) Os outros colegas eram Valdenor, Carminha, Metralha, Jorge Almeida. No Instituto de Física da Ufba, nós tínhamos um pequeno *bunker*, que era Telma, Sérgio, Sílvio Loureiro, mais tarde Ricardo Miranda, Monclar, Elias, Graça, Renildo. Tínhamos apoio forte no Direito.”

A minha felicidade em ter Celso e Angélica aqui é imensa, vocês não podem imaginar.

(Lê) “(...) Na Geociências, Bira Mota; Zé Carlos, também me endereçou uma lindíssima mensagem; o Chicão,” que neste episódio já foi citado aqui na Assembleia. O Chicão era sobrinho do coronel Luiz Artur, e ele não só o ameaçou como chegou e abraçou o Chicão para tentar quebrar a unidade que estava criada ali naquele ambiente; Adalberto; e Olavo, que acho que está aqui também. Fico por aqui porque a lista de lembranças é enorme e quero passar adiante.

(Lê) “(...) Dessa geração eu quero fazer um comentário e uma homenagem, primeiro a Zé Raimundo. Nós convivemos na Ufba em 1973, em 1974 e em 1975, nesse período da resistência. Depois nós nos separamos, mas nossos caminhos se reencontraram no Departamento de História da USP. Ele fazendo doutorado em História Econômica sobre a orientação de Osvaldo Coggiola, estudando movimentos sociais e eu História Social, orientado por Motoyama e Paty, estudando história das ciências.

Além disso, nós estávamos naquela época no mesmo campo da política, nós participamos em São Paulo da primeira campanha de Lula à presidência da República, em 1989.” A campanha desse que é, na minha opinião, ao lado de Getúlio Vargas, os dois maiores líderes da constituição da nação brasileira.

(Lê) “(...) Contudo, pouco convivemos em São Paulo e eu me pergunto por quê? Eu acho que é porque os baianos quando chegam em São Paulo preferem se perder na Paulicéia do que viver em tribos de conterrâneos...” Ainda bem que eles fazem isso.

(Lê) “(...) De lá para cá, entretanto, eu só acompanhei a trajetória de Zé Raimundo a distância, com enorme respeito mútuo e entre amigos em comum. Zé foi prefeito de Vitória da Conquista, cidade de fortes tradições progressistas e, depois, foi eleito deputado estadual por vários mandatos, sempre, pelo Partido dos Trabalhadores, o PT.

Zé Raimundo, agora, buscando homenagear essa nossa geração, eu gostaria, então, de prestar um tributo especial a dois dos nossos colegas. O primeiro deles não está mais entre nós: Manoel José de Carvalho...”

Eu ouvi muitas referências à minha capacidade política. (Palmas)

(Lê) “(...) Mas o meu testemunho é que o grande artífice político da reorganização do movimento estudantil e democrático na Ufba e na cidade de Salvador foi Manoel José de Carvalho, precocemente levado por um câncer.

A segunda homenagem que eu queria fazer é a Cristina Sá, a quem eu já fiz referência. Cristina atrasou a conclusão do seu curso de Engenharia por 6 anos, por ter passado à clandestinidade, como eu fiz referência, para evitar uma prisão iminente. Devo revelar que Manoel e Cristina foram meus camaradas na primeira

célula do Partido Comunista do Brasil, reunidos dentro do Colégio Marista, abrigado pelo irmão Achylles Scapin, no primeiro semestre de 1973.

Até agora, eu me limitei às observações sobre a década de 1970...” Mas eu quero fechar essa consideração sobre a história política, fazendo uma referência rápida ao que veio depois.

(Lê) “(...) Já formado como professor da Ufba, eu continuei minha militância política. A luta contra a ditadura havia ganhado fôlego a partir de 1976. Já me referi ao Congresso da UNE e ao da Anistia...”

É o tempo que nós conseguimos retomar as passeatas. Eu lembro muito bem a primeira vez que nós rompemos a barreira da polícia, porque as passeatas iam até a reitoria. E, quando chegava ali, na rua Araújo Pinho, aquela rua que vai para o Teatro Castro Alves, a polícia bloqueava, a gente se sentava e ficava.

Até que, na altura dos fins de 1976, a gente conseguiu passar com a passeata. Fomos defendendo a anistia, fomos até o Terreiro de Jesus. É a época também, depois de 1979, do retorno dos exilados e clandestinos e a liberação dos presos e a reanimação do movimento sindical. Já fizeram referência a 1982.

(Lê) “(...) Nós tivemos uma enorme vitória político-eleitoral na Bahia, porque nós elegemos Haroldo Lima e Fernando Sant’Anna, e reelegemos Chico Pinto e Elquisson Soares, todos para o cargo de deputado federal e todos ligados a movimentos de esquerda...”

A minha enorme alegria em encontrar Olívia aqui. Não me refiro à deputada Olívia Santana, mas à nossa jornalista daqui. Ela deve estar por aí. Está ali. Olívia era uma menina. Ela devia ter 15 anos de idade quando a conheci na casa onde Chico Pinto se hospedava no Santo Antônio Além do Carmo. Então, foi uma dessas vitórias.

(Lê) “(...) Devo dizer que, sobre esse período todo, hoje existem muitos trabalhos acadêmicos na Ufba, UFRB e em outros que narram o crescimento da resistência à qual eu me referi. Eu queria valorizar esses trabalhos. Mas eu gostaria de me referir a uma dissertação de mestrado em História, pela Uneb, de Jorge Wilton, publicada, posteriormente, como livro contido ‘*Memórias de Uma Esquerda em Transição*’, narrando, em particular, a construção do PCdoB naquela conjuntura.

Mas eu finalizo essas considerações mais políticas sobre a resistência democrática contando um episódio que diz respeito à história desta Casa...”

Nós estamos no Palácio Luís Eduardo Magalhães. (Lê) “(...) Pois bem, boa parte dessa resistência, à qual eu me referi, desaguou no movimento das diretas. Nós fomos derrotados na Proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira...”

Não tivemos eleições presidenciais diretas.

(Lê) “(...) Mas boa parte ou uma parte da esquerda, visando ultimar a sobrevida da ditadura, o PCdoB e outras correntes progressistas optaram por confrontá-la no colégio eleitoral, apoiando a candidatura de Tancredo Neves.

Finda a conferência do PMDB em Brasília que consagrou a chapa Tancredo-Sarney, nós voltamos de Brasília. (...)” Nós tínhamos ido para conferência. Eu

lembro, como se fosse hoje. O ônibus parou em Barreiras para a gente tomar o café da manhã. Aí, no noticiário, não me lembro o nome, era aquele jornal da *Globo* das 7 horas da manhã, aparece Antonio Carlos Magalhães apoiando Tancredo Neves. Houve um colega nosso, o Vandilson Costa, referido aqui por alguém, que se sentou e chorou. Ele falou: “O que a gente vai fazer agora?”

Lembro que imediatamente conversamos. E a opção de Antonio Carlos Magalhães fazia sentido político. Ele não tinha apoiado o Maluf antes; mas tinha apoiado o outro candidato, o Andreazza. O Andreazza foi derrotado na convenção da Arena. Ele não marchou com o Maluf, ele se bandeou para apoiar o Tancredo Neves.

À época, o nosso ídolo inquestionável, todos o conhecem bem, era Haroldo Lima e era chegado a muitos arroubos retóricos. Ele disse: “Baixinho, não subiremos no mesmo palanque. Tancredo terá dois palanques na Bahia: o de Antonio Carlos e o da esquerda.”

“(…) Pois bem, pouco depois, fomos presos pela Polícia Federal: eu, Péricles de Souza, então, como secretário político do PCdoB, Loreta e Carlos Valadares, Pedro Augusto, Javier, Tereza, Ronaldo. As prisões foram efetuadas, também, em São Paulo, Goiânia e Belém.

A acusação, oficialmente, era que nós estávamos tentando reorganizar o PCdoB, o que não era exatamente uma mentira...” Mas o sentido político daquelas prisões era outro. Nós fomos todos presos num escritório que nós tínhamos no bairro de Nazaré, era um escritório semilegal do Partido Comunista do Brasil.

(Lê) “(...) Na verdade, era uma operação que visava a tumultuar a derrota iminente do candidato da ditadura, o Paulo Maluf, mostrando, para opinião pública e para os deputados, que os comunistas estavam com o Tancredo. Esse foi o sentido. O fato é que fomos presos. Tomamos empurrões. Passamos a manhã inteira incomunicáveis na sede da PF que, à época, era próxima do Mercado Modelo...”

Eu olho, de novo, para o Emiliano que já teve a experiência de ficar incomunicável. Seis horas, Emiliano, é uma eternidade. Para você que passou mais tempo, eu fico pensando.

Pois bem, no início da tarde, os delegados da PF, contrariados, entraram na sala e nos comunicaram que nós tínhamos visitas. Era uma comitiva de deputados estaduais. Eles eram liderados por quem? Pelo presidente desta Casa, deputado Zé Raimundo. Quem era o presidente? Luís Eduardo Magalhães. Ele estava à frente, secundado por Luiz Nova, que está aqui, Luiz Humberto – aliás, Luiz Nova me ajudou a recompor essa lista – Vandilson Costa – se tiver lacunas, a responsabilidade é dele – Alcides Modesto. Parece-me que o Ewerton, de Jequié, também estava.

(Lê) “(...) Bom, o desfecho da história importante é que nós fomos liberados ao final da tarde. Eu tive o contentamento de, ao sair da cadeia, encontrar o diretor do meu Instituto de Física, Dionicarlos Vasconcelos e vários colegas. Dentre eles, estavam Aurino Ribeiro.

Fomos todos para Câmara Municipal onde um público largo nos esperava. Subimos pelo Elevador Lacerda. E, no ato, usamos da palavra denunciando as

arbitrariedades da polícia. Nós e Luís Eduardo Magalhães, na Câmara Municipal. Naquele dia, graças à ação da ditadura militar, morreu, em bom tempo, a tese dos dois palanques na campanha de Tancredo na Bahia. Como nos ensinou Tom Jobim, *‘O Brasil não é para principiantes.’*

Passo, agora, para um rápido comentário sobre a Universidade Federal da Bahia. Como eu já me referi aqui, eu acho, é claro, que esta é uma homenagem a essa universidade, até porque ela foi o espaço dessa resistência que eu acabei de descrever. É uma instituição antiga, pois remonta à chegada da família real. Finalmente, foi criada, formalmente, em 1946. Eu fiz as contas: dos 78 anos de existência formal dessa universidade, eu estou nela há 52 anos, porque eu entrei em 1972. Então, ela tem sido a minha segunda pele, uma segunda família. (Lê) “Ela incorpora para mim os ideais da educação superior de qualidade, gratuita e de produção de conhecimento novo, também de qualidade.”

Aqui eu abro uma janela para contar uma pequena anedota. A minha irmã mais nova, a Silvana, que tem muitas convicções religiosas... Eu falo das convicções religiosas para dizer à Olívia Santana que não há nenhum conflito entre suas convicções religiosas e o Partido Comunista do Brasil, ainda que esse conflito possa ter sido alimentado em alguns tempos. Então, a minha irmã Silvana, que é de um sincretismo imenso, uma vez, quando eu voltei da pós-graduação em São Paulo, ela chegou para mim e disse assim: “Você é tão religioso quanto eu.” Eu não entendi direito. Aí ela disse assim: “Sua primeira religião era o partido, agora é a universidade.”

A única coisa em que ela estava errada é que são duas religiões, se a gente entende religiões no sentido de certas convicções não justificadas às quais se adere ao longo da vida. Como alguém lembrou aqui, por exemplo, a minha adesão ao curso de Física é absolutamente não justificada. Era um professor sedutor, era o professor com quem eu conversava na cantina. Entrei na Engenharia e não conhecia a... Estou vendo aqui a Tatiana... Era a Tatiana que estava aqui? Não? A Tatiana não está, mas eu já contei várias vezes para ela essa história. Uma das razões pelas quais eu larguei a Engenharia foi porque eu não encontrava os professores da Engenharia. Eles chegavam, davam aula, saíam correndo. Já os de Física estavam todos lá na cantina e havia essas aulas maravilhosas do professor Benedito Pepe.

Então, essa trajetória na universidade... Ela foi essa segunda casa, mas a minha experiência com a educação, com a condição de professor, começou exatamente na Ufba. Eu pensei que Ana Angélica fosse lembrar que eu fui professor dela no 2º ano de faculdade, quando ela era aluna de Ciências Biológicas e eu ensinava Física para Ciências Biológicas. À época, a falta de professores fez a universidade liberar aos monitores serem regentes, e o meu supervisor, que era exatamente o Benedito Pepe e já devia estar meio cansado de dar muitas aulas, me disse: “Olival, toma conta dessa disciplina.”

Foi ali que eu descobri que gostava de dar aulas. Bom, enfim, fui monitor entre 1973 e 1975, e professor a partir de 1979. Fui professor também no Marista e no Colégio Nossa Senhora das Mercês. Finalmente, fiz curso de pós-graduação tardiamente, em parte por conta dessa militância política e retornei à Ufba, no início

dos anos 90, com os cursos de mestrado e doutorado obtidos na Universidade de São Paulo.

(Lê) “Naquele meu retorno compreendi que tinha um desafio novo, além de ser um bom professor que era criar cursos de pós-graduação análogos aos que eu tinha tido na Universidade de São Paulo, em História e Filosofia das Ciências,” e no mesmo padrão de qualidade dos cursos de São Paulo e do exterior por onde eu tinha andado.

Devo dizer que eu fiz várias referências a pessoas aqui presentes, mas também muito me orgulho dos meus ex-alunos. Eu diria que são, hoje, uma espécie de uma segunda família estendida que eu tenho. Estou vendo Rodolfo, Letícia, a ainda aluna Tainã que está ali.

Mas eu quero dizer que as primeiras influências que me levaram para uma formação acadêmica, uma formação como pesquisador e à valorização do ensino, eu tive na Ufba. Já fiz referência a Pepe, mas não posso deixar de fazer referência a Aurino, a Felipe, também a Caio, a Roberto, a Suani. Eu não fiz referência a Suani quando eu falei dos professores do instituto. Mil desculpas. Atualmente eu só lhe vejo como chefe de gabinete de João Carlos Salles. Não importa qual será a tarefa que o João Carlos Salles vai assumir no futuro, mas ele precisa ter uma chefe de gabinete com a força de Suani.

Mas, então, é assim que eu juntamente com vários colegas, a quem eu fiz uma rápida referência, criamos um curso: o Programa de Ensino, Filosofia e História das Ciências. Quero também agradecer a presença do Rafael, que é o coordenador desse programa. Contribui na criação de um outro: o Programa de Filosofia, então sob a liderança de João Carlos. Eu estou vendo que o Marco Aurélio está aqui e eu agradeço imensamente a presença dele.

É de enorme alegria para mim afirmar, sem nenhuma falsa modéstia, que hoje esses programas são referências internacionais nos seus respectivos campos. Já fiz referência aos meus ex-alunos da Bahia e de vários estados, – do Rio, do Paraná, do Rio Grande do Sul, da Paraíba –, bem como do exterior que vieram para cá estudar conosco, da França e da Espanha. Já fiz referência que eles são uma espécie de uma segunda família.

Finalmente, a Ufba propiciou-me também experiência como gestor em educação, ciência e tecnologia. Eu não aprendi isso em nenhum curso, eu aprendi convivendo com colegas. Parte eu aprendi na USP, convivendo com a Amélia Hamburger; parte eu aprendi na Ufba, porque foi a partir da criação desses cursos que eu comecei a atuar nas agências federais, Capes e CNPq, mais tarde no Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

Mas, sem sombra de dúvida, a experiência mais fecunda e mais significativa resultou do convite de João Carlos Salles para assumir a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, em 2014, e posteriormente coordenar o Capes Print. Foi significativa porque foram quase 8 anos de enfrentamento de adversidades. O João Carlos foi eleito, em meados de 2014, com uma expectativa de um mar sereno de orçamento em franco crescimento, mas essa expectativa se desfez já no final de

2014 e logo depois começou a campanha pelo impeachment da presidenta Dilma. Depois, pior ainda, o governo Bolsonaro.

Eu costumo dizer que foi nessa época que eu voltei a participar de manifestações de rua, porque, já um pouco velho, eu ia a uma manifestação de rua “de caju em caju”, como se diz aqui no Nordeste. Mas foi ali que eu disse: não, agora eu tenho que ir para todas.

Então, a nossa luta – estou vendo a Carol aqui, minha aluna em 79 – e a nossa resistência de ir para as ruas contra os cortes de bolsa... Mas não foram só os cortes orçamentários drásticos, foram também tentativas sistemáticas de desqualificação e de ataques à ciência.

Desse período de nossa resistência, eu quero registrar novamente a liderança de João Carlos Salles, que já era enorme e permitiu a sua primeira eleição em 2014, mas que se agigantou diante das dificuldades. Eu sempre digo que o maior êxito da gestão de João Carlos não foi nenhum dos números que ele mesmo gosta de apresentar às vezes. Para mim, o seu maior êxito – eu sempre digo – foi ter fortalecido a vida institucional da Ufba e unido a universidade em defesa de uma universidade pública, inclusiva e de excelência.

Mas o povo brasileiro soube reagir. Nós elegemos o presidente Lula em outubro de 2022. É fruto dessa mudança que hoje eu estou na direção do CNPq. Sempre digo, especialmente nos momentos de crise e nas audiências, nós só estamos aqui porque o povo brasileiro elegeu o Lula em outubro, e essa é a razão pela qual, hoje, Ricardo Galvão é o presidente do CNPq, e tem um diretor do PCdoB e uma diretora do PT dirigindo o CNPq.

Finalizo, meu último tópico, fazendo uma referência, então, à luta, a essa causa, que é a luta pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia.

Alguns podem olhar essa causa como uma espécie, assim, de uma causa que veio depois, não? Eu gostei do Davidson fazendo referência às negociações e às conversas com João Amazonas para sair da presidência do PCdoB de São Paulo para eu poder fazer um doutorado decente. Meus alunos de doutorado tomem isso como lição: às vezes é preciso renunciar. Eu saí da presidência do PCdoB de São Paulo para fazer um doutorado decente. Então, se você não faz certas opções você não vai ter seus sonhos realizados.

Mas eu quero dizer que essa referência à causa da ciência e da tecnologia, além da educação, que eu já comentei, não é tão recente, não foi posterior ao meu doutorado. O meu mestrado e doutorado, efetivamente, foram tardios, mas eu posso dizer que: (lê) “(...) O meu envolvimento e fascínio com a produção da ciência vem da escola secundária, mas frutificou na Ufba, na USP e em instituições científicas do exterior, onde eu passei temporadas de pesquisas. Esse fascínio ocorreu em duas direções.” Direções relacionadas, mas distintas. “(...) Na primeira, conhecida de muitos de vocês, levou-me a me constituir como um historiador da física quântica. Esse fascínio foi alimentado tanto pelo impacto dessa disciplina científica na cultura em geral...”

Adorei a música que foi selecionada, *Quanta*, de Gilberto Gil, não? Mas também eu fui muito atraído por perceber uma outra característica, que, para mim,

foi muito importante. Nesse episódio ao qual eu me dedico há 20 e tantos anos... Aliás, é quase que uma história de historiação, não é? Historiação, não, de pesquisa-ação.

Talvez o Barral não saiba, mas há 1 ano e pouco ele me telefonou: "Olival, nós estamos anunciando o negócio do prêmio Nobel e nós estamos querendo que alguém ouça em primeira mão e grave um comentário". Eu não disse para ele, apesar de eu detestar acordar cedo, que faz uns 6 anos que eu acompanho a notícia do *Prêmio Nobel*, fazendo torcida. Quem me conhece no Instituto de Física sabe a torcida que eu fazia para o *Prêmio Nobel* para o John Clauser, Alain Aspect e o Anton Zeilinger, não? E, naquele dia, a Agnes é testemunha – ela estava lá em casa –, eu acordei chateado com você por ter me obrigado a acordar de madrugada. Por causa do fuso horário, eram 6h30min. E eu dei um grito dentro de casa, e ela acordou assustada, porque o *Prêmio Nobel* tinha sido... Esses foram os meus dissidentes quânticos que ganharam o *Prêmio Nobel*.

Mas o que me fascinou nessa história? É que isso concretizou para mim uma coisa que eu, no início, tinha de maneira mais ou menos intuitiva, que a ciência não pode ser separada da cultura. Já falei e volto a falar daqui, da Assembleia: eu adoro a Bahia, mas há algumas coisas que eu não me entusiasmo com a Bahia. Uma delas é o *gap*, a separação entre a ciência, a cultura e as artes. Não corresponde aos nossos melhores artistas! Vocês citaram o Gilberto Gil. Mas isso é entranhado na cultura da nossa sociedade baiana. E, para mim, é claro que não há como separar a ciência da cultura.

E nesse episódio, digamos assim, dessa disputa dos dissidentes quânticos, dos debates e lutas, para mim, o que mais me fascinou foi que na disciplina de que eu sempre gostei, física, eu identifiquei que essa disciplina estava mesclada com filosofia, com história, com política, com ideologia. Isso que me fascinou, e é isso que eu tenho levado nessas 3 décadas a que tenho me dedicado a isso.

Portanto, há a percepção de que uma das mais áridas ciências da natureza tinha essa mescla a que, aqui, eu me referi. E foi por isso que em algum momento, apesar de ter feito o meu mestrado no Instituto de Física, eu desembarquei no Departamento de História para realizar esse doutorado.

Devo dizer também que nessa temática eu também fui guiado pelos professores Aurino Ribeiro e Amélia Hamburger, a quem já fiz referência, por Michel Paty e por dois norte-americanos que foram também muito influentes na minha formação: Joan Bromberg e Sam Schweber, os dois já falecidos. Não por acaso, durante muito tempo o nosso grupo de pesquisa na Ufba se chamava Laboratório Ciência como Cultura (Lacic).

Então, é essa percepção de que a ciência está integrada à cultura que tem me movido. E essa percepção não é diferente da outra temática que me atraiu muito ao longo desse tempo, a que alguns já fizeram referência, que é a percepção de que ciência e tecnologia são indispensáveis a uma inserção soberana do Brasil no concerto das nações.

Aqui, de novo, eu fui inspirado nesse terreno por lições que vieram desde os tempos da graduação. Eu não aprendi isso em São Paulo, eu aprendi aqui, na Ufba,

interagindo com o geofísico Carlos Alberto Dias, com quem eu e Bira Mota tivemos uma convivência intensa dentro do Instituto de Física e, de novo, na Comissão da Verdade. Quando apareceu a documentação mostrando como o SNI botava lupa sobre o Instituto de Geociências, tentando controlar a vida do Carlos Alberto Dias, do Shiguemi, do Mise, eu reforcei as convicções que eu tinha na época.

Quem conheceu, aqui, o Carlos Alberto Dias, já falecido, lembra de que ele se considerava um descendente dos indígenas do Pará. Para ele, fazer ciência era para ter independência no país. Não tinha outro argumento, até nos exageros dele de achar que não valia tanto a pena fazer física, era preciso fazer geofísica, porque estava ligada às riquezas nacionais.

Então, eu aprendi convivendo com o Carlos Alberto Dias, mas também lendo os materiais que os físicos leem, os estudantes de física, os materiais publicados por José Leite Lopes, pelo Bautista Vidal, que foi professor do nosso instituto, e por Mario Schenberg. Essas foram, portanto, as minhas inspirações primeiras.

(Lê) “(...) Hoje compreendo que no mesmo Panteão dos que defenderam a independência do país, como aqueles cantados pelo Hino ao Dois de Julho: “Com tiranos não combinam brasileiros corações”, como Maria Quitéria e tantos outros, devemos colocar aqueles que têm dado contribuições essenciais para a ciência e a independência do Brasil.”

Alguns achavam, no começo, que eu era francófilo. Depois que eu passei a frequentar muito os Estados Unidos, os meus amigos franceses temiam que eu virasse americanófilo. Eu virei uma mistura dos dois, mas, minha amiga Sônia, que acabou de chegar da França, sabe disso, uma das coisas que eu mais gosto de visitar na França é o *Panthéon*. E uma das coisas que me impressiona é que lá no *Panthéon* estão os heróis da república francesa, dentre os quais os enciclopedistas Voltaire, Rousseau e os cientistas Paul Langevin, Marie Curie e tantos outros. É essa mescla dos cientistas que foram cruciais na constituição da nação francesa que eu acho que é um sentimento que nós temos que desenvolver aqui, no Brasil.

Então, eu acho que nesse Panteão que eu imagino nós temos que ter lá o Osvaldo Cruz, Carlos Chagas, Pirajá da Silva, Juliano Moreira, Nise da Silveira e César Lattes. (Lê) “(...) Mas devem estar também aqueles que, depois da Segunda Guerra, compreenderam e contribuíram para essa independência científica.”

E quando cheguei ao CNPq eu disse para o Galvão: “Galvão, você é meu herói”, eu tinha dito isso ainda nos tempos do governo Bolsonaro, “você, para mim, é um herói”, nós temos alguns heróis. Eu sei que é ruim uma nação precisar de heróis, mas eu acho que nós precisamos ter esses heróis.

(Lê) “(...) Um dos heróis é exatamente o criador do CNPq, o almirante Álvaro Alberto, que foi o arquiteto da política nuclear autônoma do país; o outro, Anísio Teixeira, o criador da Capes e da ideia de que a gente precisava ter mão de obra para o ensino superior bem qualificada.

Ainda nesse rol dos heróis, mesmo em posições ideológicas opostas, Darcy Ribeiro e Zeferino Vaz, os criadores da UnB e da Unicamp; ou o brigadeiro

Montenegro, criador do Instituto Tecnológico da Aeronáutica, sem o qual a gente não teria hoje a Embraer, que é essa potência na indústria aeronáutica brasileira; ou ainda Johanna Döbereiner, cujos trabalhos sobre a fixação biológica do nitrogênio permitiram o cultivo da soja e outros grãos no Cerrado brasileiro.

Ainda nessa lista mais recente tem de caber, nesse panteão, gente jovem como Jaqueline Goes, essa baiana que contribuiu para identificar a circulação do coronavírus no Brasil; Guilherme Estrella, que liderou a pesquisa, pela Petrobras, de petróleo em águas profundas; e o almirante Othon Pinheiro... ”, eu soube pelo professor Ricardo Miranda, e estou muito contente pela notícia, que a Ufba está se preparando para lhe conceder o Título de Doutor Honoris Causa, ele é um herói da ciência brasileira. (Lê) “(...) Othon foi um dos líderes do programa nuclear autônomo brasileiro.

Eu sonho com o dia em que esses personagens possam ser estudados e conhecidos por nossos estudantes da educação básica.

Essa ligação...”, vou finalizando, “(...) entre desenvolvimento científico e tecnológico e desenvolvimento autônomo e sustentável não está encerrada no passado...”, não é só um problema de história, alguém disse aqui que história é para a gente pensar melhor o presente e o futuro, e é como eu percebo.

(Lê) “(...) Nós precisamos conhecer melhor essa história para compreendermos os desafios atuais, hoje sob a presidência do presidente Lula, que quer enfrentar uma nova industrialização, que quer reduzir as iniquidades sociais, que quer reduzir as iniquidades de gênero e de raça, que busca a sustentabilidade, que busca energias mais limpas, a preservação e o estudo da nossa rica biodiversidade, assim como busca uma identidade como nação que precisa se reinventar, criticando as mazelas como a escravidão e o genocídio dos povos indígenas, que ainda estruturam a sociedade brasileira nos dias atuais.

Eu não poderia encerrar meus agradecimentos à Assembleia Legislativa da Bahia e ao deputado Zé Raimundo sem uma referência aos familiares que aqui já foram referidos, que sustentaram a minha formação e me dão sustentação emocional para perseverar na luta cotidiana: Vadinho e Antonieta, os meus pais, que não tinham curso superior, mas compreendiam o valor da educação e me despacharam para estudar em Salvador com 15 anos de idade; minhas irmãs Fatima, Inês e Silvana; meu filho Vitor, hoje residindo distante, na Holanda; meus queridos sobrinhos aqui presentes, Flávia, Thiago, Diego e Silvano, que não está aqui; e a minha esposa, Agnes, que foi um amor de juventude que a vida permitiu renovar na maturidade.

Muito obrigado”. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Ouviremos uma apresentação do nosso grupo Anarkas.

(Procede-se à apresentação musical.)

Nos registros finais, eu quero destacar a presença da Sr.^a Sirlene Assis, presidente do Grupo Tortura Nunca Mais, e de Valdélcio Silva, líder estudantil, pró-reitor e professor. (Palmas)

Quero agradecer a presença dos senhores e das senhoras e dizer, professor Olival, que, nos últimos anos, eu e o deputado federal Waldenor Pereira temos uma parceria muito grande. Nós temos destinado recursos e emendas, para esta área da cultura e da ciência.

Nós estamos apoiando aproximadamente 15 feiras literárias, dentre as quais se destaca a de Mucugê, que está em andamento, com edições e lançamentos de livros. Também temos destinado para as nossas universidades, recursos e emendas específicas para fortalecer a pesquisa, a extensão e atividades culturais.

Na rede pública, nós estamos apoiando aproximadamente 30 colégios estaduais, com emendas que vão no valor de R\$ 30 mil a R\$ 40 mil, para jornadas científicas, que possam colocar a ciência no dia a dia dos estudantes. Por isso, nesta manhã, a fala final é realmente um verdadeiro manifesto, para todos nós, que ocupamos instituições e espaços públicos, é um roteiro a ser seguido, transformando o nosso cotidiano em um espaço da convivência, do abraço, da ciência e do saber.

A última coisa, Professor Olival: na verdade, essa empatia com a sua trajetória – e descobri também que o professor Ricardo Miranda faz parte dessa caminhada e dessa nossa história – essa proximidade, é também, porque, no fundo, eu não pude ser um físico, não é? (risos). Eu era operário metalúrgico e industrial, era químico-industrial e tinha duas opções: como eu já militava e gostava da história, e a história era possível a gente fazer trabalhando, a física, não, porque era tempo integral. Mas depois do outono da vida, chegando ao inverno, eu estou podendo me dedicar também às leituras da física, não é? Inclusive, a sua obra, que eu quero que o senhor autografe.

Quero passar também às suas mãos uma pequena lembrança, em nome de Olívia, em meu nome, em nome da Casa, que é uma caixa sobre a Independência da Bahia, o Bicentenário do Dois de Julho. Quero agradecer ao presidente Adolfo Menezes e a toda a equipe da coordenação cultural.

Essa caixa, gente, foi lançada pelo Instituto Histórico e Geográfico, está sendo distribuída gratuitamente e são sete livros que estão disponíveis. Por favor, os institutos e os pesquisadores que se interessem, por favor, podem procurar o setor da universidade, digo, da Assembleia – estou já falando da universidade, contaminado pela fala de Olival – para a gente destinar.

E, ainda este ano, estamos destinando, no caso, professor Marcos, dois eventos lá em Vitória da Conquista: os 400 anos da invasão holandesa. Em 8 de maio os holandeses chegaram aqui e ficaram até abril de 1925. É uma programação em que a gente quer colocar em evidência pesquisadores, novos jovens que estão pesquisando sobre a presença holandesa que, na verdade, é a construção da colonização no mundo. É um evento importante. Também outros apoios para a nossa universidade, inclusive uma história social e cultural dos sertões baianos, que eu quero fazer uma homenagem ao meu grande amigo e irmão Herivaldo Fagundes Neves, que foi o pioneiro e o precursor dos estudos dos sertões da Bahia.

Por isso, eu quero agradecer a presença de todos os Srs., das Sr.^{as}., das representações aqui das várias instituições, dos nossos deputados, em particular, Olívia Santana, que desde o primeiro momento, apoiou, estimulou e nos indicou esse belíssimo grupo Anarkas que tem nos encantado. Vou marcar vocês, viu? Vou ficar de olho em vocês! Quando eu puder – viu, Olívia? – vamos divulgar essa menina e esses meninos. Finalmente, gente, muito obrigado a todos.

E, para concluir, ouviremos agora o Hino da Bahia e, na saída, temos aí um cafezinho, um sequilho de Vitória da Conquista, para vocês degustarem.

Muito obrigado e bom dia a todos.

(Procede-se à execução do Hino da Bahia.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Zé Raimundo Fontes): Declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.